

As não respostas e as fronteiras dialetais brasileiras: possíveis caminhos

The non answers and the Brazilian dialectal borders: possible paths

Leandro Almeida dos SANTOS (UFBA)
santosleo1811@gmail.com

Recebido em: 05 de maio de 2020.
Aceito em: 23 de jun. de 2020.

SANTOS, Leandro Almeida dos. As não respostas e as fronteiras dialetais brasileiras: possíveis caminhos. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 10, n. 3, e1905, p. 1-19, set.-dez./2020. DOI: 10.36517/2237-6321-31905.

Resumo: Este estudo apresenta um breve panorama sobre as áreas dialetais brasileiras, através dos dados Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB – para a questão 164 do Questionário Semântico-Lexical – QSL – que busca identificar as formas lexicais para “uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34). Os objetivos principais foram verificar se as formas documentadas revelam limites dialetais, além de mostrar a importância do não dado para as pesquisas sociodialetais. A metodologia empregada foi: a) seleção e leitura dos textos relacionados ao tema; b) escolha e formação do *corpus*; c) análise do *corpus*, a partir do cotejo estabelecido entre: Ribeiro (2012), Portilho (2013), Santos (2016) e Santos (2018); d) comparação entre as variantes encontradas; e) as análises foram empreendidas sobre o *corpus*; e f) foram tecidas algumas considerações sobre os resultados encontrados. Vale destacar que a pergunta 164 do QSL não é produtiva,

uma vez que o índice de não obtenção das respostas foi elevado em todas as áreas observadas. Outro aspecto notável é a necessidade do tratamento adequado para o “não dado”, além de computado, deve ser cartografado, a fim de facilitar a leitura das cartas linguísticas.

Palavras-chave: Áreas dialetais. Projeto ALiB. Não respostas.

Abstract: This study presents a brief overview of the Brazilian dialectal areas, through the data Project Linguistic Atlas of Brazil – ALiB Project – for question 164 of the Semantic-Lexical Questionnaire – QSL – which seeks to identify the lexical forms for “a game in which children stay in a circle, while another one goes by with a pebble, a wand, a handkerchief that you drop behind one of them and this one takes the pebble, the wand, the handkerchief and goes running to reach the one you dropped” (ALiB PROJECT NATIONAL COMMITTEE, 2001, p. 34). The main objectives were to verify whether the documented forms reveal dialectal limits, in addition to showing the importance of the not given for sociodialectal research. The methodology used was: a) selection and reading of texts related to the theme; b) choice and formation of the *corpus*; c) analysis of the *corpus*, based on the comparison established among: Ribeiro (2012), Portilho (2013), Santos (2016), and Santos (2018); d) comparison among the variants found; e) analysis was undertaken on the *corpus*; and f) some considerations were made about the results found. It is worth noting that question 164 of the QSL is not productive, since the rate of non-response was high in all observed areas. Another notable aspect is the need for adequate treatment for the “not given”, in addition to computation, should be mapped in order to facilitate the reading of the language charts.

Keywords: Dialectal areas. ALiB Project. Non-responders.

Primeiros passos

O interesse sobre o léxico do português falado no Brasil alude aos primórdios, dos quais podem ser citadas as primeiras considerações feitas por Domingos Borges de Barros, em 1826, na introdução da obra **Atlas ethnographique du globe...**, de Adrien Balbi, que, de certa maneira, foram um marco para o desenvolvimento dos estudos dialetais. Também, ao observar os percursos da periodização da Dialectologia brasileira – atualmente, na 5ª fase¹ – nota-se que os dialetólogos sempre se dedicaram a descortinar as múltiplas e variadas facetas lexicais.

Estudar as facetas lexicais de uma língua, por um viés dialetal, permite demonstrar os retratos diversos da fala de uma comunidade; além disso, o léxico, por vezes, se torna um espelho, haja vista refletir, em um simples ato de nomear, a origem natalícia, além das características sociais de quem fala, tais como sexo, idade, escolaridade, nível socioeconômico, dentre outros aspectos.

Este trabalho discute os resultados de quatro estudos, a partir

¹ Teles (2018) sugere a existência da 5ª fase, a partir de 2014, com a publicação dos dois volumes do Atlas Linguístico do Brasil, até os dias atuais, ao considerar as quatro fases anteriores de proposição de Mota e Cardoso (2006).

dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB². Tais pesquisas foram desenvolvidas por Ribeiro (2012), Portilho (2013), Santos (2016) e Santos (2018), e têm como marco referencial a delimitação dialetal proposta por Antenor Nascentes (1953), quando o estudioso dividiu o Brasil em dois polos linguísticos, quais sejam, falares do Norte e falares do Sul.

Para o intento, os referidos estudos utilizaram as respostas fornecidas para o campo semântico jogos e diversões infantis³, do Questionário Semântico-Lexical – QSL – do Projeto ALiB. Aqui, uma questão será cotejada, a 164, que possui essa formulação:

uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair? (COMITÉ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 34).

Os objetivos principais, neste artigo, foram verificar se as formas documentadas revelam limites dialetais, além de mostrar a importância do não dado para as pesquisas sociodialetais. O estudo ora proposto reveste-se de uma relevância ímpar, uma vez que busca trazer contribuições para as pesquisas sobre o português falado no Brasil e para o aprimoramento dos métodos, no tocante à exegese dos dados, das ciências da variação.

A fim de elucidar os caminhos para pensar sobre os itens lexicais e as áreas dialetais, além das seções que introduz e finaliza, optou-se por dividir o artigo em três seções basilares: Na primeira parte, as divisões dialetais feitas para o território brasileiro serão apresentadas, com ênfase na divisão de 1953, de autoria de Antenor Nascentes. A segunda parte demonstra as contribuições dos estudos lexicais feitos a partir do Projeto ALiB, com um intuito de revelar os atuais limites dialetais brasileiros. Na terceira seção, devido ao elevado índice de não respostas para a questão em análise, 164 – QSL – do Projeto ALiB – foi iniciada uma sucinta discussão sobre o não dado, com o fito de despertar a atenção para as informações imbricadas nessa não obtenção, bem como a necessidade de cartografá-lo. Por fim, seguem as considerações finais e as referências.

² Mais informações podem ser encontradas no site do Projeto ALiB: Disponível em: <<https://alib.ufba.br/>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

³ O campo semântico possui 13 questões.

Antenor Nascentes e as divisões dialetais do Brasil

A busca por demarcar as fronteiras dialetais brasileiras remonta ao passado, mais precisamente ao final do século XIX. Dentre as propostas, algumas delas merecem destaque e seguem expostas no Quadro 1.

Quadro 1 – Propostas de divisão dialetal do Brasil

Autor	Ano	Critério (s)	Divisão	Crítica (s)
Júlio Ribeiro	1881	Geográfico	Quatro áreas: Norte; Leste; Centro e Sul.	Nascentes a classificou como “toda ela imperfeita”.
Maximino Maciel	1950	Geográfico	Tripartida: basilo-guianense ou setentrional; idiodialetos estaduais ou centrais e basilo-castelhano ou meridional.	Também, foi alvo de críticas, devido ao único critério.
João Ribeiro	Sem data	Históricos	Cinco áreas: o extremo norte – Amazônia; Maranhão, Piauí e Ceará; o norte – Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte; o centro – Sergipe, Baía, Ilhéus, e Porto Seguro; o interior – São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso; o sul – Espírito Santo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.	Apesar de ser considerada válida, Nascentes apresenta algumas críticas e discute alguns pontos.
Rodolfo Garcia	1915	Geográficos e históricos	Cinco zonas linguísticas: norte; norte-oriental; central-marítima; meridional e altiplana-central.	Recebeu algumas críticas e foi considerada, por Nascentes, como “mais aceitável”.
Antenor Nascentes	1922	Linguísticos e geográficos	Quatro áreas: Nortista; Fluminense; Sertaneja; e Sulista.	Recebeu diversas críticas feitas por historiadores e geógrafos.

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

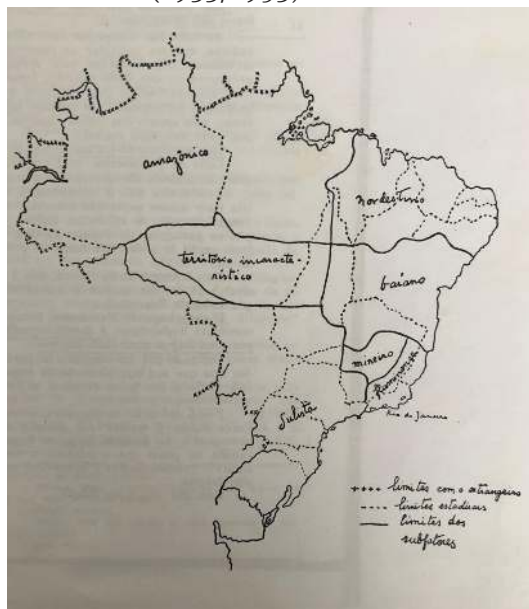
Em 1933, com base em dois fatos linguísticos – pronúncia das vogais médias pretônicas e na entonação – oriundos da obra **O linguajar carioca**, depois ter viajado por toda extensão territorial do Brasil e ter atendido as considerações feitas por Lindolfo Eduardo

Gomes⁴, Nascentes modifica a divisão anterior de sua própria autoria, ao afirmar que:

[...] Dividi o falar brasileiro em seis subfalares que reuni em dois grupos a que chamei do norte e do sul [...] Os subfalares do Norte são dois: o amazônico que abrange o Acre, o Amazonas, o Pará e a parte de Goiás que vai da foz do Aquíqui à serra do Estrondo, e o nordestino, que compreende os Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e a parte de Goiás que vai da serra do Estrondo à nascente do Parnaíba [...] Os subfalares do Sul são quatro: o baiano, intermediário entre os dois grupos, abrangendo Sergipe, Baía, Minas (Norte, Nordeste e Noroeste), Goiás (parte que vem da nascente do Parnaíba, seguindo pelas serras dos Javais, dos Xavantes, do Fanha e do Pilar até a cidade de Pilar, rio das Almas, Pirenópolis, Santa Luzia e Arrendidos); o fluminense, abrangendo o Espírito Santo, o Estado do Rio, o Distrito Federal, Minas (Mata e parte do Leste); o mineiro (Centro, Oeste e parte do Leste de Minas Gerais); o sulista, compreendendo São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas (Sul e triângulo), Goiás (Sul) e Mato Grosso (NASCENTES, 1953, p. 24-26).

Tal proposição, conforme Figura 1, até então, é o ponto de partida para os estudos geolinguísticos contemporâneos, no que concerne às demarcações fronteiriças das áreas dialetais brasileiras.

Figura 1 – Divisão dialetal de Antenor Nascentes (1933/1953)



Fonte: Nascentes (1953, p. 18-19) adaptado.

⁴ Jornalista, teatrólogo, filólogo emérito e folclorista.

Alguns estudiosos e pesquisadores vêm investigando as atuais configurações dialetais brasileiras, a partir de tal proposta. Nesse intento, para além dos estudos linguísticos, segundo dados do Projeto ALiB, que serão explicitados na seção seguinte, destaca-se a proposta de atualização e georreferenciamento feita por Teles (2018)⁵, com a qual se sugere que os trabalhos dialetais que visem o reconhecimento dialetal do Brasil o tenham como parâmetro.

Contribuições dos estudos lexicais do Projeto ALiB

A partir do que foi exposto, a delimitação de Nascentes, feita em 1953, tem um relevante impacto para os estudos dialetais. No entanto, passado mais de meio século, há, cada vez mais, uma necessidade de fotografias atuais, conforme postulou Mota, em 2006:

Analizados os dados de hoje disponíveis, verifica-se a necessidade de um maior conhecimento das áreas dialetais brasileiras, especialmente daquelas que ainda não dispõem de atlas regionais, assim como de uma amostra atualizada, recolhida simultaneamente, com a mesma metodologia e sob coordenação geral em todo o país [...]. Somente a partir de amostra desse tipo será possível uma proposta cientificamente justificável de divisão do País em áreas dialetais (MOTA, 2006, p. 351).

Ao observar os dados do Projeto ALiB, a fim de testar áreas dialetais, se preenche uma lacuna, além de contribuir com a agenda de estudos que têm demonstrado interesse na temática. Hoje, então, conta-se com uma amostra – com dados fonéticos, inclusive prosódicos, semânticos-lexicais, morfossintáticos e metalinguísticos – mencionados por Mota (2006).

Na perspectiva lexical, há diversas pesquisas, em nível de pós-graduação, a partir dos dados do Projeto ALiB, conforme pode ser visto no Quadro 2. Tais pesquisas cooperam para um dos objetivos principais do referido Projeto, a saber:

Estabelecer isoglosas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. vii).

⁵ Tese de doutorado intitulada **Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística**: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes.

Quadro 2 – Estudos lexicais com dados do ALiB sobre áreas dialetais⁶.

Autor (a)	Ano	Falar	Tipo
Silvana Soares Costa Ribeiro	2012	<i>Falar Sul</i> – <i>Subfalar Baiano</i>	Tese
Danielle Almeida Saraiva Portilho	2013	<i>Falar Norte</i> – <i>Subfalar Amazônico</i>	Dissertação
Valter Pereira Romano	2015	<i>Falar Sul</i> – <i>Subfalar Sulista</i>	Tese
Leandro Almeida dos Santos	2016	<i>Falar Sul</i> – <i>Subfalar Fluminense</i>	Dissertação
Graziele Ferreira da Silva Santos	2018	<i>Falar Norte</i> – <i>Subfalar Nordeste</i>	Dissertação
Ana Rita Carvalho de Souza	Em andamento	<i>Falar Norte</i> – <i>Subfalar Amazônico</i>	Dissertação

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Além dos estudos mencionados, citam-se algumas cartas do **Atlas Linguístico do Brasil** (CARDOSO *et al.* 2014b), que retratam a diversidade lexical nas capitais brasileiras; a pesquisa feita por D’Anunciação (2016), a partir da fala dos informantes de Minas Gerais; e, por fim, a tese de doutorado de Alencar (2018), com dados de São Paulo.

Neste artigo, quatro pesquisas tiveram parte de seus dados cotejados, são elas: Ribeiro (2012); Portilho (2013); Santos (2016); e Santos (2018), uma vez que elas utilizaram o mesmo conjunto de questões, que pertence ao campo semântico dos jogos e das diversões infantis, do QSL do Projeto ALiB. Aqui, em especial, as respostas documentadas para a questão 164 serão alvo de análises, paralelos e comparações.

⁶ Na tese, Romano (2015) utilizou 05 questões de campos semânticos distintos, apenas uma questão do campo semântico jogos e diversões infantis, QSL 156. E, para a dissertação (em andamento), Souza utiliza 05 questões de um único campo semântico, Astros e Tempo.

Figura 2 – Crianças brincando de chicotinho-queimado.



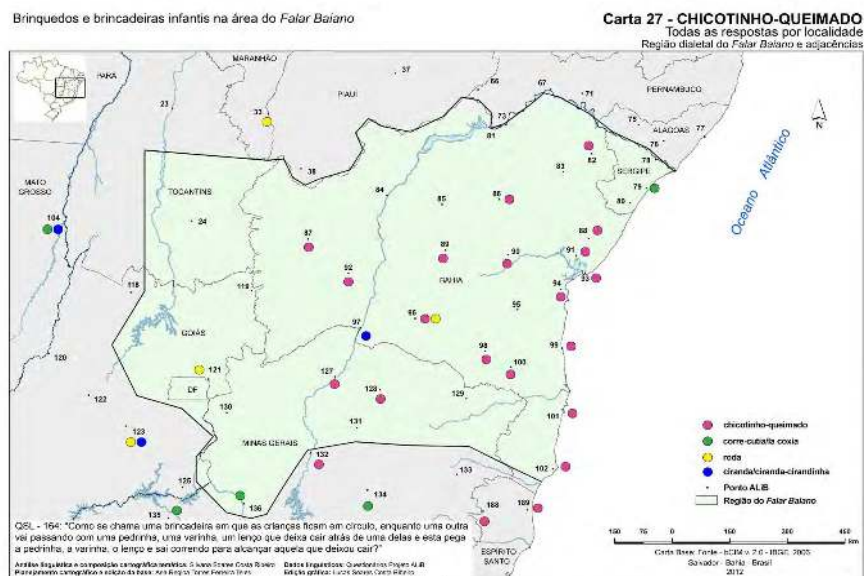
Fonte: Disponível em: <<http://brincadeirasdepano.blogspot.com/2014/03/chicotinho-queimado.html>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

Desse modo, conforme se nota no Quadro 2, os trabalhos que focalizaram os subfalares que estão inseridos nos falares do Sul (Baiano e Fluminense), respectivamente, são Ribeiro (2012) e Santos (2016).

O falar baiano foi alvo de análise por parte de Ribeiro (2012). Para a pesquisa, foram utilizados os dados de 244 informantes, em 57 localidades. Após as análises, ao concluir a pesquisa, a autora estabeleceu subáreas dialetais, A, B, C e D, e afirmou que existe “vitalidade na realidade presente, mas o limite traçado pelo autor, ainda não pode ser alargado ou reduzido sem que antes seja conhecida, com maior profundidade, a área circunvizinha ao Falar Baiano” (RIBEIRO, 2012, p. 449).

As respostas documentadas, por ordem de produtividade, para a questão ora analisada, QSL 164, foram: **chicotinho-queimado, corre-cutia / la coxia, roda e ciranda/cirandinha**, além de 10 respostas únicas. No universo de 245 ocorrências, Ribeiro (2012) destaca o elevado índice de respostas que foram agrupadas em: Não Sabe (NS), Não Lembra (NL) e Não Obtida (NO), totalizando 197 ocorrências. Na Figura 3, observa-se a distribuição espacial dos itens lexicais encontrados na área do falar baiano.

Figura 3 – Carta Chicotinho–queimado na área do Falar Baiano.

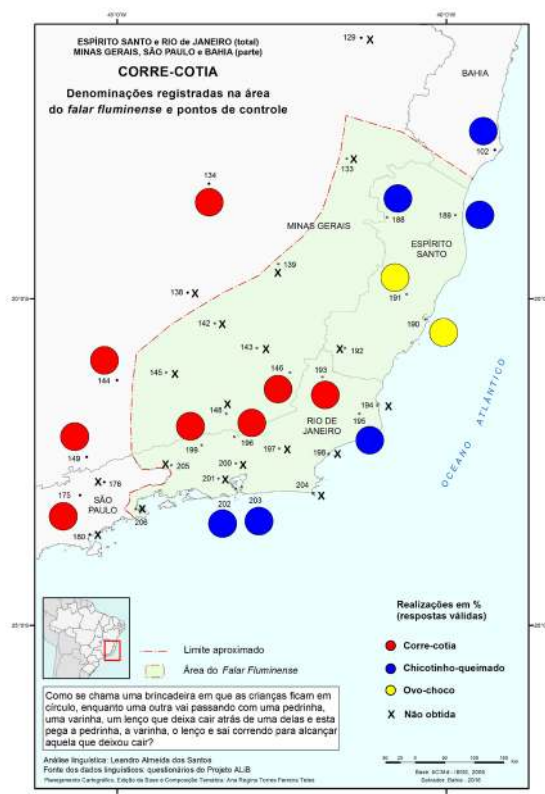


Fonte: Ribeiro (2012, p. 522).

Santos (2016) analisou as fronteiras dialetais do falar fluminense, ao utilizar dados de fala de 152 informantes, em 35 localidades que compõem a rede de pontos do Projeto ALiB. Ao concluir o estudo, o referido autor atesta a divisão de Nascentes, Norte e Sul, mas “[...] em especial à área do Falar Fluminense, tal proposição não pode ser considerada como válida, pois ora os dados evidenciam uma área linguística comum ora negam tal fato [...]” (SANTOS, 2016, p. 188).

Para a pergunta 164 do QSL, foram documentadas 154 ocorrências de respostas válidas. Também, assim como Ribeiro (2012), notou-se um alto índice de ocorrências – 129 – que foram agrupadas em NS/NL/NO. Conforme Figura 4, **corre-cotia** foi a forma mais produtiva, seguida das formas **chicotinho-queimado** e **ovo choco**. Ao cartografar, Santos (2016) inovou, no que tange aos pontos em que nenhuma resposta foi documentada.

Figura 4 – Carta Corre-cotia na área do Falar Fluminense.



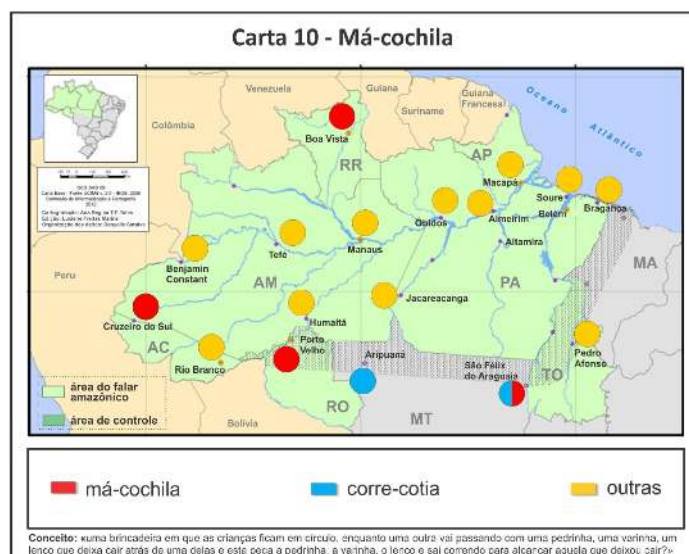
Fonte: Santos (2016, p. 165).

No que se refere aos trabalhos sobre os falares do Norte (Amazônico e Nordeste), respectivamente, destacam-se: Portilho (2013) e Santos (2018).

Portilho (2013) buscou verificar a vitalidade do falar amazônico, utilizando a fala de 128 informantes, de 26 localidades. A autora, após todas as análises, encontrou uma vitalidade relativa, “[...] considerando que o léxico dessa área mostrou-se peculiar em relação ao de outras regiões do Brasil” (PORTILHO, 2013, p. 139).

Para a pergunta 164, foram encontrados quatro itens lexicais: **má-cochila**, **corre-cotia**, **chicote-queimado** e **chicotinho-queimado**, conforme Figura 5. Assim como nos estudos sobre os falares do Sul, nota-se o grau elevado de NS/NL/NO para a pergunta, 108 informantes desconheciam o referente analisado.

Figura 5 – Carta Má-cochila na área do Falar Amazônico.

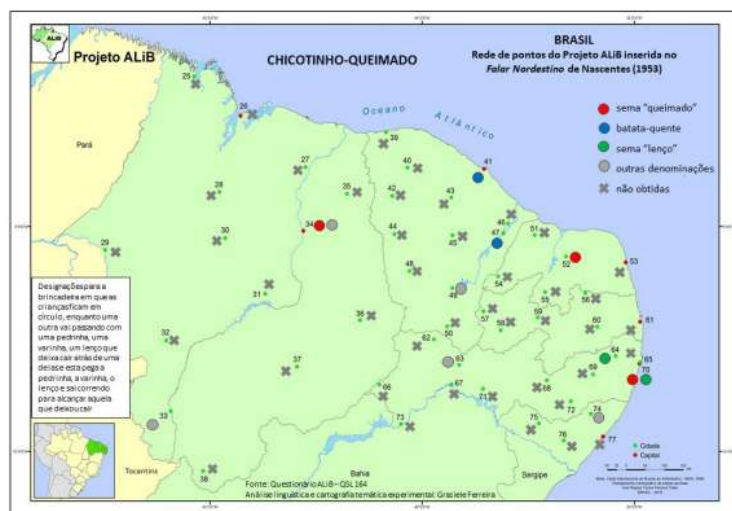


Fonte: Portilho (2013, p. 120).

Santos, em 2018, tendo como foco de análise o falar nordestino, utilizou dados de fala de 240 informantes, de 53 localidades. As conclusões, nesse estudo, apontam que, a delimitação de Nascentes (1953), para a área investigada, “[...] não corresponde, atualmente, à realidade linguística observada, considerando o campo semântico dos jogos e diversões infantis nos dados do Projeto ALiB e uma descrição baseada no léxico” (SANTOS, 2018, p. 201).

Para a pergunta ora analisada, as formas mais produtivas foram agrupadas no sema **queimado**. Também, foi documentado um alto índice de NS/NL/NO, haja vista que das 240 ocorrências, 12, apenas, foram validadas, conforme Figura 6.

Figura 6 – Carta Chicotinho-queimado na área do Falar Nordestino.



Fonte: Santos (2018, p.176).

Ao comparar esses quatro estudos, que contemplam pontos que estão localizados dentro dos falares do sul e norte, observam-se itens distintos que mais apareceram em cada área: Falar Baiano – **chicotinho-queimado**; Falar Fluminense – **Corre-cotia**; Falar Amazônico – **Má-cochila**; e Falar Nordestino – formas com o sema **queimado**. No entanto, como espelhado pela Tabela 1, a pergunta 164 do QSL não é produtiva.

Tabela 1 – Índice de aproveitamento de respostas à pergunta 164 do Questionário Semântico-Lexical.

Estudos lexicais com dados do Projeto ALiB	Total de respostas			
	Documentadas	NS/NL/NO	Validadas	
			Valor absoluto	Valor relativo
Ribeiro (2012)	245	197	48	19,5%
Portilho (2013)	128	108	20	15,6%
Santos (2016)	154	129	23	14,9%
Santos (2018)	240	228	12	5%
Total	767	662	103	13,4%

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

A pergunta obtém baixa produtividade, conforme Tabela 1. Desse modo, por meio desta questão, sobre as áreas linguísticas investigadas, não foi possível vislumbrar configurações dialetais, mas aspectos sociais interessantes podem ser notados a partir do elevado índice de não obtenção, acima de 80%. Logo, alguns questionamentos devem ser feitos, a saber: Os informantes desconhecem a brincadeira? A brincadeira caiu em desuso? As novas configurações sociais vêm modificando as formas de brincar? O pesquisador não sabia que se tratava de uma brincadeira quase desaparecida? Por que utilizou essa pergunta?

Inferem-se, portanto, hipóteses que podem servir como respostas às questões feitas. A baixa produtividade da questão, por vezes, evidencia e testemunha as mudanças ocorridas na sociedade, haja vista que, no último século, o mundo mudou muito, as crianças saíram das ruas e foram para as televisões e, ultimamente, para os celulares e *smartphones*. Em vez de casas, há prédios, com *playgrounds*, com, no máximo, quadra esportiva e salão de jogos. Nas escolas, há, também, outras maneiras de brincar. Por isso, muitas brincadeiras podem estar em desuso.

No que tange ao pesquisador e ao instrumento de coleta de dados, o questionário, afirma-se que, em alguns casos, para futuras pesquisas, devem-se reorganizar os questionários, de modo a deixá-los

menos extensos, uma vez que, geralmente, possuem muitas questões e podem levar o informante à exaustão. Ainda, nesse sentido, por exemplo, repensar a inclusão, bem como aplicabilidade de algumas questões, sobretudo, as que apresentam baixa produtividade. No entanto, vale mencionar que, quanto a isso, para a Dialectologia, o não dado é, de fato, um dado precioso e, em hipótese alguma, deve ser menosprezado pelo dialectólogo. Nessa perspectiva, segundo Rossi (1967, p. 104)

[...] Convirá, porém, nunca esquecer que a dialectologia é essencialmente contextual: fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com o fato correspondente – ainda que por ausência – em outro ponto ou outra área (ROSSI, 1967, p. 104).

A partir desse pensamento, na próxima seção, discutem-se quais os caminhos viáveis e possíveis que os dialectólogos, sociolinguistas e cartógrafos devem percorrer, ao se depararem com um elevado índice de não obtenções. Vale afirmar que, novamente, para o estudo dialetal, o não dado é um material de pesquisa fundamental, pois fornece perspectivas diversas para investigações futuras sobre a língua falada.

13

As não respostas para a Dialectologia, a Sociolinguística e a Cartografia

Toda a pesquisa dialectológica e/ou sociolinguística busca coletar dados reais que se aproximem da língua vernacular e que revelem, ao máximo, traços linguísticos de uma comunidade de fala. No entanto, mesmo desenvolvendo procedimentos para uma pesquisa bem sucedida, diminuindo/evitando o paradoxo do observador (LABOV, 2008), por vezes, os dados linguísticos não são obtidos.

Nesse momento, alguns questionamentos devem ser feitos pelo pesquisador, tais como: Há problemas na formulação da pergunta? Os informantes desconhecem o referente perguntado? O inquiridor, de fato, forneceu caminhos para a obtenção do item pesquisado? Quantos dados são suficientes para o tratamento sociodialetal? Para essa última pergunta, conforme reflexão de Morales (2005):

Una cuestión importante es la densidad de las variantes en el texto, a saber, que éstas sean numéricamente relevantes para no confundir un hecho sociolingüístico, esto es, realizado por un grupo de hablantes con una manifestación individual. A este respecto, Labov estableció para la sociolingüística de campo que diez o veinte datos lingüísticos de una variable dada son suficientes para representar una matriz de variación. No

obstante, estas cifras pueden ser válidas para unos casos y no para otros, aunque él parte del principio de homogeneidad de la conducta lingüística (MEDINA MORALES, 2005, p. 125).

Embora não seja um assunto que tenha destaque e, também, não receba um tratamento devido, até então, as não respostas devem ocupar um espaço na descrição e análise sociodialetoológicas, em virtude das pistas sociais que, certamente, podem trazer à tona melhores entendimentos sobre a língua falada nas localidades alvo da pesquisa dialetal, sendo assim, ratificando os vínculos indissociáveis entre língua e aspectos socioculturais e socio-históricos.

Inicialmente, devem-se ser levados em consideração os diferentes sentidos que o não dado simboliza. Por exemplo, por meio dos trabalhos realizados no Projeto ALiB, geralmente, a ausência de respostas à determinada questão é agrupada em três formas, a saber: Não Sabe (NS), Não Lembra (NL) ou Não Obtido (NO). E, de fato, tal ausência não tem sido investigada, tratada e cartografada, conforme assinalam Aguilera e Yda (2008):

Dentre as dezenas de trabalhos que já foram desenvolvidos a partir dos dados coletados para o ALiB, nenhum ainda se voltou para o problema da ausência de respostas ocorrida durante a recolha. Esta questão, no entanto, é crucial no momento da cartografia dos dados pelas lacunas que deixa nos espaços destinados ao preenchimento com as variantes buscadas (AGUILERA; YDA, 2008, p. 17).

Nessa perspectiva, cabe elucidar, no mínimo, duas das várias possibilidades de interpretação sobre o fenômeno, a falta de resposta e o desconhecimento, nas palavras de Ziamandanis (1999):

Apunta falta de respuesta cuando el informante quiere responder pero un pude; está molesto porque tiene el vocablo en la punta de la lengua, o recuerda que lo decía siempre un pariente mayor, pero no logra accederse a él. En cambio, el investigador, apunta desconocimiento cuando el informante se da por vencido; se encoge de hombros, y en la cara se refleja una mirada vacía. El desconocimiento es la ignorancia ante un concepto, uso u objeto, y revela una pérdida definitiva de una parte de la expresión (ZIAMANDANIS, 1999, p. 657-658).

Aguilera e Yda (2008), a partir das respostas dos informantes das capitais brasileiras para o Questionário Fonético-Fonológico – QFF⁷ – do Projeto ALiB, analisaram as não respostas, constituindo o

⁷ O QFF possui 159 questões e é, geralmente, o primeiro conjunto de questões a ser aplicado, na pesquisa de campo, por meio do instrumento de coleta do Projeto ALiB, Questionários ALiB (2001).

primeiro trabalho a tratar a ausência de respostas coletadas a partir dos inquéritos no referido Projeto. Além dos aspectos diatópicos, as autoras observaram os aspectos diastráticos, por meio dos critérios escolaridade – fundamental e universitário, sexo – mulher e homem, e faixa etária – faixa I: 18 a 30 anos; faixa II: 50 a 65 anos.

Ao concluírem o estudo, Aguilera e Yda (2008) apresentam considerações sensíveis e relevantes para o elevado índice de não obtenção de respostas para alguns itens pesquisados no QFF, a saber:

Os informantes de baixa escolaridade tiveram um índice de não-respostas bem maior do que o índice dos informantes de nível superior, o que revela que a escolarização contribui na ampliação do universo cognitivo dos entrevistados; [...] (vi) O maior número de não-respostas encontra-se nas capitais do Nordeste e os menores, nas capitais do Sul e Norte, independentemente do nível de escolaridade dos informantes. (vii) As mulheres, ratificando pesquisas anteriores (Silva-Corvalán: 1989 e Paiva: 2003), foram mais produtivas, com menor número de abstenções. (viii) Quanto ao fator diageracional, os idosos demonstraram maior conhecimento de mundo, com um índice menor de não-respostas quando comparados com a produtividade dos mais jovens (AGUILERA; YDA, 2008, p. 28-29).

Ainda, nesse sentido, depois de concluídas todas as entrevistas nas 25 localidades da rede de pontos do Projeto ALiB, Aguilera (2014), no volume 1 do **Atlas Linguístico do Brasil** (CARDOSO *et al.* 2014a), reflete a respeito das não respostas, não obtenções e respostas inadequadas, ao fazer uma análise pormenorizada em todos os questionários do Projeto ALiB, a partir dos dados das 25 capitais brasileiras⁸, e conclui que:

[...] Salientaram-se neste estudo as dificuldades que algumas questões e campos semânticos apresentaram: (i) ao informante no momento de fornecer o registro adequado e (ii) ao entrevistador para reformular a questão e torná-la acessível à compreensão do entrevistado [...] A combinação de vários elementos envolvidos na pesquisa de campo – questionários pertinentes, bem elaborados e testados, informantes bem selecionados e inquiridores devidamente preparados – leva a resultados satisfatórios (AGUILERA, 2014, p. 111).

As autorreflexões e autoanálises, portanto, são constantes na pesquisa sociodialetal, sobretudo no momento da exegese, quando decisões precisam ser tomadas, a partir do material coletado. Advoga-se, nesse sentido, um melhor tratamento, discussão e aproveitamento

⁸ Por critérios metodológicos do Projeto ALiB, excluem-se Palmas e Brasília, por serem cidades, relativamente, jovens.

das não respostas. Para além de fazer a quantificação, por meio dos critérios sociais estabelecidos pela pesquisa, também levantar hipóteses de interpretação dessa informação de cunho social, histórico e cultural.

Ademais, sugerem-se novas diretrizes para a cartografia temática, que o pesquisador exiba, nos cartogramas, cartas, mapas e atlas linguísticos, respostas e não respostas, seguindo a proposição feita por Santos (2016):

[...] Vale destacar a inovação em cartografar os dados NS/NL/NO, agrupados na forma *não obtida*, tal feito torna-se importante para os estudos dialetológicos, por se tratar de uma realidade encontrada nas pesquisas dessa natureza, e que, geralmente, ficava fora do registro cartográfico, além de poder colaborar para o entendimento dos fenômenos estudados e representados no espaço geográfico, deixando de forma explícita os dados encontrados nas localidades, extinguindo possíveis inferências dos leitores das cartas (SANTOS, 2016, p. 97).

Logo, o não dado, além de ser rico e interessante, deve ser evidenciado pela cartografia temática, conforme Figura 4, a partir do que preconiza Santos (2016), e que foi seguido por Santos (2018), Figura 6. Tal sugestão, longe de ser definitiva, talvez, instaure uma perspectiva necessária para os futuros trabalhos sociodialetais, além disso, fomenta um debate sobre o aprimoramento das formas de representação dos itens recolhidos *in loco*, preenchendo uma lacuna, até então, existente na maioria dos cartogramas, cartas e atlas linguísticos.

Algumas considerações

Este artigo, de cunho sociodialetal, teve como foco de investigação as áreas dialetais brasileiras, com base nos dados do Projeto ALiB, analisando a proposição feita, em 1953, por Nascentes. Além disso, buscou-se destacar a relevância das não respostas para as pesquisas das ciências da variação, Dialetologia e Sociolinguística, além da ciência da Cartografia. Para isso, foram utilizados os dados de quatro estudos, que evidenciam as respostas dadas para a pergunta 164 do QSL.

Assim, algumas reflexões são pertinentes, em virtude das discussões apresentadas, a saber:

O campo semântico dos jogos e diversões infantis se constitui um instrumento valioso para obtenção de dados mais próximos da fala sem monitoramento, uma vez que os informantes podem desfocar do contexto da entrevista, assim, fornecendo um material linguístico

interessante. Certamente, por isso, tal campo tem sido objeto de estudo de várias pesquisas.

O item lexical **chicotinho-queimado** foi documentado em todas as áreas pesquisadas, ou seja, é o item mais conhecido tanto nos falares do Norte quanto nos falares do Sul, propostos por Nascentes (1953).

Estudos lexicais do Projeto ALiB, como os mencionados neste artigo, vêm fornecendo notícias parciais sobre os falares. No entanto, ainda, não se tem, de fato, um novo traçado dialetal. Sugere-se, então, a reunião desses dados, a fim de se ter retratos atuais e com base em pesquisa empírica sobre os falares brasileiros, no tocante à Língua Portuguesa.

A confirmação ou refutação dos limites dialetais propostos por Nascentes (1953) ainda constitui um objetivo a ser alcançado pela Dialectologia brasileira. Então, para os dialetólogos brasileiros, tarefas que urgem são preencher essa lacuna e responder, por meio de dados fonéticos, morfossintáticos e/ou lexicais: Nascentes (1953) tinha razão?

O alto grau de importância do não dado para as investigações dialetais e sociolinguísticas. As NS/NL/NO devem, também, ser o foco de observação dessas pesquisas e, além disso, devem ser cartografadas, conforme proposição de Santos (2016). Com isso, o intuito é fazer um melhor uso dos dados coletados, ou seja, não deve haver frustração por parte do pesquisador, em relação aos dados recolhidos. Sugere-se, então, usufruir de todo o material que a pesquisa empírica forneceu, seguindo os critérios de tratamento do material coletado.

As considerações aqui apresentadas não são definitivas e visam a apontar possibilidades de mais estudos sobre áreas dialetais brasileiras, bem como um tratamento mais adequado para a exegese dos dados sociodialetais, sobretudo, às não respostas.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade; YDA, Vanessa. Projeto ALiB: uma análise das respostas e das não-respostas de informantes das capitais. **SIGNUM**, Estudos Linguísticos, Londrina, n.11/2, p. 15-31, dez. 2008.

AGUILERA, Vanderci de Andrade. A metodologia e sua aplicação no campo. In: CARDOSO, Suzana Alice M. *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil**, v. 1 (Introdução). Londrina: EDUEL, 2014, p. 95-111.

ALENCAR, Beatriz Aparecida. **O Léxico de brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo**. 2018. Tese. (Doutorado em Letras) Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2018.

BALBI, Adrien. *Atlas ethnographique du Globe, ou classification des peuples anciens et modernes d'après leurs langues... et suivi du tableau phisique, moral et politique des cinq parties du monde...* Paris: Chez Rey et Gravier, 1826.

CARDOSO, Suzana Alice M. et al. **Atlas linguístico do Brasil**, v. 1 (Introdução). Londrina: EDUEL, 2014a.

CARDOSO, Suzana Alice M. et al. **Atlas linguístico do Brasil**, v. 2 (Cartas linguísticas). Londrina: EDUEL, 2014b.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Lingüístico do Brasil: Questionários**. Londrina: UEL, 2001.

D'ANUNCIAÇÃO, Eliana Souza. **Registrando o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis em Minas Gerais**. 2016. 86f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MEDINA MORALES, Francisca. Problemas metodológicos de La sociolingüística histórica. In: **Forma y Función**, enero-diciembre, n. 18. Universidad Nacional de Colombia. Bogotá, D.C., 2005, p. 115-137.

MOTA, Jacyra Andrade. Áreas dialetais brasileiras. In: CARDOSO, Suzana Alice M.; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS e SILVA, Rosa Virginia (Orgs.). **Quinhentos anos de história Linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 319-357.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana (Orgs.). **Documentos 2**. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006.

NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. **ORBIS – Bulletin International de Documentat ion Linguistique, Louvain**, t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953a.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2.ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro. Organização Simões, 1953b.

NASCENTES, Antenor. **Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa Rui Barbosa, 1958.

PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. **O falar amazônico**: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB. 2013. 155p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”**. 2012. 752f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2012.

ROMANO, Valter Pereira. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil**. 2015. 402f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ROSSI, Nelson. A Dialectologia. In: **Revista ALFA**, n. 11. (Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília), Marília, SP: FFCL de Marília, 1967, p. 89– 128.

SANTOS, Leandro Almeida dos. **Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense**. 2016. 197f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2016.

SANTOS, Grazielle Ferreira da Silva. **O léxico dos jogos e diversões infantis no corpus do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordestino**. 2018. 207f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2018

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. **Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes**. 2018. 483f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2018.

ZIAMANDANIS, Claire. La falta de respuesta y el desconocimiento en Puerto Rico: silenciar también es contestar. In: MORALES, Amparo; CARDONA, Julia; LÓPEZ MORALES, Humberto; FORASTIERI, Eduardo (eds.). **Estudios de lingüística hispánica**. San Juan, Puerto Rico: Editorial de La Universidad de Puerto Rico, 1999. p. 656–664.